



OS MORTOS DO INSTITUTO EM 1907

D. Mauricio Prichzi

Nasceu Mauricio Prichzi aos 16 de Abril de 1870 em Rosenberg na Bohemia, recebendo no baptismo o nome de Adalberto. Privado da mãe aos 4 annos e do pae aos 7, foi carinhosamente educado por uma tia, que d'elle se encarregara logo depois do desaparecimento do primeiro daquelles entes queridos. O velho Prichzi se casara pela segunda vez, e não havia sympathias da madrastra para com o orphãozinho.

Em casa do tio, que era livreiro e possuia uma encadernação, apprendeu esse officio, e como nelle cedo madrugou a sêde do saber, aproveitava as noites para estudar as mesmas obras que havia de encadernar. Começou dessa sorte a sua primeira instrucção superior.

Aos 19 annos entrou a cogitar em abraçar o estado religioso, e nesse proposito o mantinham os conselhos e as supplicas de uma irmã já consagrada ao serviço de Deus, e, resolvido o grave problema, foi pedir um logar na Abbadia de Emaus, em Praga. Foi isso em fins de 1891 ou principio de 1892.

Não foi facil a realização do proposito acariado, muitos obices se lhe antolhavam, porquanto

o mosteiro acceitava só moços que já tinham feito os preparatorios, mas vencidas as difficuldades começou a estudar como postulante. Entrementes grave molestia o acommette; manifestam-se nelle symptomas de tuberculose; os medicos ordenam a cessação de todos os estudos; fala-se na sua retirada da Ordem, e então elle em ardente supplica roga a S. José, segundo narração sua, dias antes de morrer, ao Dr. Adolpho Siqueira e D. Lucas, que lhe alcançasse mais 15 annos de vida, para *estudar, ordenar-se e trabalhar pelo bem das almas*.

Contra a expectativa geral o enfermo melhorou visivelmente, recobrou as forças e atirou-se com afan aos labôres encetados, alcançando sua energica vontade, que nunca conheceu obstaculos, sua rara intelligencia e sua memoria felicissima que em 3 annos entrasse para o noviciado (Abril de 1895) para o que se exigem de ordinario 7 annos de aprendizagem. Foi então que recebeu o nome de Mauricio.

Tendo professado a 26 de Abril de 1896, começou o curso philosophico e theologico ao mesmo tempo que se aperfeiçoava nas artes, principalmente a pintura e a architectura.

Em 1898 veio para Olinda como um dos obreiros da restauração da Ordem Benedictina no Brasil.

Sua passagem por ali deixou vestigios inapagaveis, maxime no que diz respeito á parte administrativa e financeira. Uma outra pagina brilhante de sua estada em Pernambuco escreveu-a elle no periodo da febre amarella em 1899, quando ao lado de D. Froillão e D. Miguel realizou actos de heroismo christão. Por ter atravessado a terrivel epidemia e ter sido o enfermeiro dos amarellentos, julgava-se e dizia-se quasi immune do mal.

O futuro, o triste futuro não deu razão ás suas previsões.

Foi, porém, o Ceará o campo de seus feitos mais para récommendar em-no á admiração e á gratidão.

Amigo e companheiro do Abbade de Olinda D. Geraldo van Caloen em sua viagem ao Ceará no intuito de encontrar aqui um lugar que servisse de repouso, um como sanatorio para os membros da Ordem, enquanto D. Geraldo ficava a tratar-se em Cachoeira em consequencia de uma queda do cavallo em que montava, D. Mauricio proseguia sósinho a viagem para o Crato, donde regressou em Outubro para Olinda, com a saude alquebrada, nervoso, enfraquecido.

De Olinda voltou ao seu velho mosteiro de Emaus, frequentou Beuron, e a 15 de Julho de 1900 era ordenado sacerdote, cantando no dia seguinte a primeira missa.

Novos e instantes pedidos do seu chefe venerando fazem-n'o volver de novo ao Ceará, a elle a quem sorria melhor o mosteiro da Bahia.

Aqui chegado em Maio de 1901, substituiu no priorado a D. Majolo de Cogni, o illustre philosopho e scientista.

Desde então suas horas se contaram por outros tantos serviços aos esplendores do culto, á direcção das consciencias que, innumeradas, o procuravam como guia espiritual, á construcção do novo mosteiro, iniciado em 1902 e concluido a 25 de Dezembro quando para lá entrou a Communidade, ás obras do Collegio S. José, inaugurado em 1903, que era sua constante preocupação, e á direcção intelligente, zelosa e paternal d'essa brilhante pleiade de moços, que têm encontrado naquelle Estabelecimento, hoje equiparado ao Gymnasio Nacional, o ensino scientifico e litterario e o preparo moral e religioso.

Sob suas vistas tudo progredia; sua solicitude a todos excitava e a tudo superintendia.

O anno de 1906 foi para elle de excessivo trabalho; os amigos, os discipulos, os companheiros viam-n'o triste, enfraquecido e carecedor de repouso.

Ao despedir-se dos alumnos da classe superior dizia-lhes saudosos adeuzes, que os deixavam enter-

necidos e surprezos pelo modo por que eram ditos; ao descer a serra de Baturité, para onde se recolhiera por alguns dias, saudava-a, dizendo não mais revê-la; aos monges fazia recommendações, com elles ultimava os assumptos de mais capital interesse para a Ordem.

Suspeitava alguma cousa o preclaro Benedictino?

Sim. A supplica a S. José fôra por 15 annos apenas. O tempo estava exgottado. Findara-se a moratoria. Suggestionava-o o prazo fatal.

Na madrugada de 7 para 8 do mez de Janeiro sentiu D. Mauricio cephalalgia intensa, calefries, febre e dôres nos rins.

—Estou gravemente enfermo, é a febre amarella, façam vir o medico, disse elle.

E o medico veio sem detença, prescreveu-lhe todos os recursos que a sciencia aconselha, e a sciencia foi mais uma vez improficua e impotente, e ás 8 horas da noite de 13, Domingo, subia ao Céu a alma de mais um santo.

Morrera D. Mauricio. Nem um gesto de desalento, nem uma palavra de impaciencia. Em plena lucidez de seu espirito privilegiado, elle mesmo proferia em voz alta as preces pelos moribundos, e quando commovido, pela voz embargada pelo soluço parava por um instante o monge que o acompanhava nas horas da agonia, era elle, D. Mauricio, quem o consolava e o fazia proseguir na leitura, dizendo as phrases que se deviam seguir.

A alguém, que lhe falava de D. Mauricio, insinuou D. Macario, o sub-prior: «fui 20 annos parochinho na America do Norte e no Equador, ha muito que sou monge, e em todo esse tempo apprendi menos do que á cabeceira daquelle homem extraordinario naquelles tristes e inesqueciveis momentos.»

Até o ultimo suspiro, D. Mauricio revelou-se de alma valente e heroica, como sempre fôra. Na 6.^a feira, pela manhã, recebeu os Sacramentos; ao meio-dia escrevia, mesmo deitado, um telegramma ao Ab-

bade Geral annunciando-lhe que ia morrer, pedindo perdão de suas faltas, supplicando-lhe suffragios e a benção, telegramma de que possuo uma copia photographica tirada por N. Olsen; mais tarde levantou-se, veio até o alpendre e exclamou: deixe-me vêr este mundo ainda uma vez; depois... depois até expirar, como optimo monge que era, entregou-se aos exercicios espirituaes, ás preces ardentes, e aos doces colloquios com seu Deus, fonte viva de seus affectos, sua unica força, seu unico e verdadeiro amor.

Ach Gott, mein Gott, meu Deus, meu Deus, foram suas derradeiras palavras. Ultima preocupação de um pobre religioso implorando ao seu creador, pae e juiz; ultima lembrança á terra do berço, á lingua em que balbuciára as preces infantis.

O invicto batalhador, digno de uma mitra, como declarou a alguem o Nuncio Tonti ao regressar de Quixadá, jaz sepultado no antigo mosteiro, no jardim confronte á Bibliotheca. Em devido tempo serão seus restos removidos para o deposito na Capella do novo mosteiro pouco abaixo do altar-mór.

Elle dizia ao mandar fazer tal deposito: serei o primeiro a ir descansar alli. E os Céos assim o determinaram em seus designios imprescrutaveis.

Eis em largos traços a vida desse lidador, que não contava ainda um mez da admissão ao nosso gremio quando nol-o arrebatou a morte.

João Evangelista da Frota e Vasconcellos

Nasceu em Sobral, sendo seus progenitores Joaquim da Frota e Vasconcellos e D. Joanna Chrysostomo da Frota e Vasconcellos, esta natural de Icó.

Transportando-se para Pernambuco ahi frequentou a Academia de Direito e nella se bacharelou.

Pouco tempo depois de proclamada a Republica, occupou o cargo de promotor publico de Recife, em seguida foi nomeado sub-bibliothecario da Faculdade de Direito e após bibliothecario effectivo, funcções em que se houve de modo mais digno de louvores.

Aos esforços que empregou e ao talento de que dispunha se deve a *Cultura Academica*, revista de muitos credits e de larga acceitação no gremio dos homens de letras, que descontinuuou com a sua morte.

Falleceu pela manhã de 26 de Janeiro de 1907 em Caxangá na residencia de seu amigo Dr. Raul Azedo.

Do seu consorcio com D. Amalia Maciel Frota deixou tres filhos: Raul, Iracema e Nestor.

Havia pouco o Instituto do Ceará o contemplara entre seus socios correspondentes.

José Alexandre Teixeira de Mello

Nasceu em Campos, Rio de Janeiro, a 28 de Agosto de 1833 e falleceu a 10 de Abril de 1907 na Capital Federal, Villa Ypanema.

Doutorado em medicina em 1859, foi em 1876 nomeado chefe da secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional, passando em 1882 desta para a secção de impressos. Mais tarde foi o director desse importante Estabelecimento, em substituição a Raul Pompea, e nelle teve aposentadoria por Decr. de 24 de Março de 1900. Do desempenho das arduas funcções commettidas á sua competencia deixou vestigios inapagaveis, como se pode ver dos *Annaes da Bibliotheca*, documento de patriotismo e de amor ás letras e á sciencia, que muito lhe devero e para cujo brilho assidua e efficazmente concorreu.

Estreou ante o publico, para logo conquistar applausos e admiração, como poeta, de mavioso lyrís-

mo, com o livro *Sombras e Sonhos*, mas os estudos serios, aprofundados da historia patria é que lhe atrahiram a attenção e mereceram-lhe as preferencias. As *Ephemerides*, sempre consultadas com proveito, são um monumento erguido á sua memoria de investigador emerito.

Dessa obra pretendia dar uma edição completamente refundida mas a morte não lhe consentiu realizar o desejo. «Quanto ás *Ephemerides* da nossa Historia, dizia-me elle já em Setembro de 1901, nellas trabalho de noite e de dia e não sei ainda quando as darei por completas, interminaveis *Ephemerides*, em que a cada momento acho o que modificar e acrescentar e esclarecer.»

Alem desse collossal repositório de datas e factos escreveu muitos outros trabalhos, cuja lista enumera o Diccionario de Sacramento Blake.

Em seu espolio se encontrarão por certo preciosos ineditos; ha 6 annos me falava elle de uma Collecção de proverbios e rifãos já concluida e de uma Collecção de Anonymos e Pseudonymos.

Reliquia de epochas gloriosas, como disse muito bem o *Paiz* ao annunciar seu passamento, Teixeira de Mello fazia parte da Academia Brasileira de Letras, e occupava a cadeira que tinha o nome de Casimiro de Abreu, seu contemporaneo e amigo.

Nessa cadeira acaba de assentar-se o Vice-Almirante Arthur de Jaceguay. Rompendo com a tradição, alheio ás praxes usuaes nessa importante associação e em todas as suas congeneres, o illustre marinheiro fez o silencio em torno do nome e da memoria do seu antecessor. Silencio criminoso. Não conhecera o homem, não estudara a obra literaria de Teixeira de Mello, disse elle no vasto salão diante dos seus pares e dos convidados á recepção.

Não conhecia a obra literaria e scientifica de Teixeira de Mello?! Mas devia procurar conhecê-la, estudá-la, fazer-lhe justiça, que elle foi um poeta, um jornalista e um operoso polygrapho e tanto que

de tel-o em seu seio se honraram as agremiações mais notaveis do nosso paiz.

De minha parte, queria-o e admirava-o.

Conhecemo-nos pela 1.^a vez em 1893.

Trabalhava eu na sala particular de Monte Pereira, o eruditissimo director da Bibliotheca Nacional de Lisboa, quando um dos empregados, João Marques da Silva, que por longos annos foi meu principal copista de documentos na Capital Portuguesa, deu-me aviso de que na secção cartographica fazia pesquisas um Brasileiro.

Açodado, fui ao encontro desse compatriota. Era Teixeira de Mello.

Desde então até sua morte estivemos em activa correspondencia. Já era fallecido, e eu enviava-lhe, ignorante do triste acontecimento, lembranças por intermedio de um amigo comum, Armino Guaraná.

A aquelle encontro na Bibliotheca de Lisbôa, que foi a origem das nossas relações, para mim tão proveitosas, se referia elle em carta de 24 de Novembro de 1895 dizendo: «A sua bella monographia vem esclarecer o assumpto, prestando á sciencia medica indicações relevantes na sua parte historica. E eu que o surpreendi na Bibliotheca Nacional de Lisboa na faina das suas investigações naquelle acervo de documentos inaproveitados, que bem podiam estar aqui na nossa Bibliotheca, sou testemunha da sua perseverança e do seu zelo.»

A monographia a que se reporta Teixeira de Mello é aquella em que se contem Documentos para a historia da pestilencia da bicha ou males, que não eram outra cousa senão a febre amarella, de que mesmo as *Ephemerides* tambem se occupam na data de 13 de Maio de 1685 tratando do governo de João da Cunha Souto Maior em Pernambuco e na data 24 de Outubro de 1688, dia do fallecimento do governador geral Mathias da Cunha na Bahia, victima do terrivel morbus.

Um dos primeiros a ter o título de socio correspondente do Instituto do Ceará, Teixeira de Mello foi sempre devotado ao seu engrandecimento auxiliando-o com seu prestigio e animando-o em todas as conjuncturas.

Joaquim de Oliveira Catunda

Nasceu em S. Quiteria a 2 de Dezembro de 1834. Filho de Antonio Pompeu de Souza Catunda.

Estudou preparatorios no Lyceu de Fortaleza, tendo nesse intuito vindo em 1849 para casa de seu tio e padrinho o Senador Th. Pompeu.

Por sentir vocação para a vida militar, sentou praça em 1853, seguiu nesse anno para o Rio de Janeiro, serviu no 1.º Batalhão de artilharia a pé, matriculou-se na Escola Militar em 1857, e della teve baixa em 1860, quando seguiu para Alagôas em commissão do governo a demarcar as terras devolutas do Urucu.

Pretendendo um emprego publico, foi nomeado 2.º escriptuario d'Alfandega, por concôrso, em principio de 1862, 1.º escriptuario da do Ceará em 1864, logar que abandonou por ser nomeado professor publico do Ipu em 1867. No anno seguinte foi nomeado official maior da Secretaria do governo e em 1879 secretario da Relação do Districto.

Joaquim Catunda foi professor de philosophia do Lyceu (1882) da antiga Provincia e professor de alemão da extincta Escola Militar do Ceará.

Desde a proclamação da Republica representou seu Estado natal no Senado, do qual era 1.º secretario.

E' autor do livro intitulado:

— *Estudos de historia do Ceará* por J. Catunda, Professor de philosophia no Lyceu da Fortaleza. Ceará, Typ. do «Libertador», Rua do Major Facundo 56, 1886.

Sobre os *Estudos* foi publicado por G. M. na «Constituição» de Fortaleza, 1887, uma serie de substanciosos artigos.

Na qualidade de 1.º Secretario fez parte do Instituto do Ceará desde seu inicio e para sua *Revista* contribuia em 1887 com o trabalho *Origens Americanas, Immigrações prehistoricas* e em 1888 com um outro sob o titulo *As evoluções do clima*.

Falleceu na Capital Federal a 28 de Julho de 1907, victima de gripe intestinal, seu enterramento tendo sido feito na tarde do dia seguinte no cemiterio de S. João Baptista. Na triste cerimonia o Instituto do Ceará foi representado pelos Drs. Belisario Tavora e Justiniano de Serpa e pelo autor destas linhas.

Como um tributo de saudade o Instituto do Ceará celebrou no palacete da Assembléa solenne comemoração funebre, eucarregando-se do necrologio o orador Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos, e traz ornado o salão de suas sessões com o retrato do illustre e querido extinto.

A allocução do Dr. Antonio Augusto será publicada no proximo numero desta Revista.

Francisco Maria de Mello Oliveira

Nasceu a 7 de Fevereiro de 1847 em Fortaleza, sendo seus progenitores José Maria de Oliveira, alferes do Exército Nacional e sua mulher D. Anna Francisca de Mello Oliveira, filha do antigo Cirurgião pelo Proto-Medicato, João Francisco Tavares de Mello.

José Maria de Oliveira era natural da Cidade de Angra do Heroismo, Ilha Terceira, Portugal, assentou praça de soldado em 1820 ou 1822 no Regimento de Bragança no Rio de Janeiro sob o nome

de José Maria d'Asso e Canto, seguindo como sargento para o Pará na expedição do general Labatut; já Alferes, requereu para assignar-se d'ora avante como José Maria d'Oliveira, ignorando-se o motivo desta resolução. Seu pae foi o Senhor do Solarizo do Gales, na Capital da Ilha Terceira. Por occasião de seu casamento já havia mudado de nome.

Em 1857, dous annos depois do fallecimento de seu pae, Francisco Maria de Mello Oliveira transferiu-se com a mãe e irmãos para o Rio de Janeiro.

De 1855 até a data de seu embarque para o Rio de Janeiro, que teve lugar em Fevereiro de 1857, frequentou as aulas do professor Espindola na Praça Municipal, aprendendo a lêr, escrever e as quatro operações, passando depois do seu exame em Janeiro de 1857 ao estudo da grammatica portugueza.

Chegado ao Rio de Janeiro, foi frequentar o Collegio da Sociedade Amante da Instrucção, para meninos pobres, onde deu entrada nas aulas de litteratura portugueza, francês e arithmetica, prestando exame na Instrucção Publica, alcançando approvação plena; deste periodo até 1860 interrompeu seus estudos por ter entrado como praticante de uma pharmacia; em 1864 foi-lhe permittido frequentar as aulas do Mosteiro de S. Bento, e então concluiu os preparatorios para a matricula do curso de pharmacia (1865), conservando-se até o anno de 1867 trabalhando na mesma pharmacia, onde dera entrada como praticante em 1860.

Em 1867 matriculou-se no curso pharmaceutico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, recebendo seu diploma de Pharmaceutico a 21 de Dezembro de 1869.

Motivaram a demora de sua matricula no curso pharmaceutico a necessidade de trabalhar e a negação de seu mestre de pharmacia pratica em lhe permittir que frequentasse os estudos, o que conseguiu deixando a pharmacia e indo servir na pharmacia do Hospital da Santa Casa de Misericordia do

Rio, na qualidade de Aprendiz de 1.^a classe, com o ordenado de 30\$000.

Em 1870 alistou-se no Corpo de Saúde do Exército, como pharmaceutico-alferes, indo servir na Escola Militar da Praia Vermelha.

Neste mesmo anno foi nomeado preparador do curso de physica e chimica da dita Escola, ficando encarregado de reorganisar os respectivos gabinetes, quasi desaparecidos durante o periodo da guerra do Paraguay.

Em 1870 foi desligado da Escola Militar e mandado montar uma pharmacia militar aqui em Fortaleza, onde demorou-se dous mezes, sem conseguir dar cumprimento a tal commissão, visto o presidente Barão de Taquary oppor-se a isso, pela influencia da Directoria do Hospital de Misericordia.

Em Fevereiro de 1871, data de seu regresso ao Rio, voltou a occupar os logares de pharmaceutico e preparador de Chimica na Escola Militar.

Em 1873 publicou um livro sobre botanica contendo notas e calculos sobre as madeiras de construcção, intitulado—«Rudimentos de Botanica».

Em 1873 e 1874 foi-lhe permittido pelo Commando da Escola abrir um curso livre de chimica, a que concorria grande numero de assistentes, muitos dos quaes são hoje geraçoes.

Em 1874 foi nomeado membro da Commissão do inquerito no Hospital e Pharmacia Central do Exército, em companhia do Visconde de Beaurepaire Rohan, presidente, Visconde de Souza Fontes, Contador do Thesouro Nacional Cons.^o Miguel Archanjo Galvão e o medico militar major Manoel José de Oliveira. Esta commissão durou um anno.

Em Maio de 1875 foi nomeado chefe do serviço pharmaceutico da Pharmacia Central do Exército, tendo obtido exoneração a seu pedido quatro mezes depois.

Em Maio de 1876 foi convidado para fazer parte da Commissão de Limites com a Bolivia sob a che-

fia do Visconde de Maracajú (Marechal), tendo como companheiros o Barão de Parima, Barão de Lassance, General João Severiano da Fonseca, General Costa Guimarães e Capitão de Fragata Frederico de Oliveira.

Um anno e meio depois, por doente, obteve dispensa de membro da Comissão, regressando de San Mathias (Bolívia) para o Rio de Janeiro onde chegou em Agosto de 1878, e foi servir na Escola Militar occupando os seus cargos de pharmaceutico e preparador de phisica e chimica.

Em 1879 prestou os exames de latim, philosophia, geographia, historia e inglês, e matriculou-se no mesmo anno no curso medico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo conseguido em todos os actos approvações plenas e com distincções, inclusive na defesa da These.

Em 1879 a 1893 serviu como preparador de chimica inorganica e analytica da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro de que era lente o notavel scien-
tista cearense Cons.^o Dr. Alvaro Joaquim de Oliveira e foi, na mesma data, cumulativamente preparador de Chimica organica do professor Domingos Freire.

Infatigavel e muito operoso, de 1882 a 1884 fez particularmente com o professor Wilhelm Meichiler, sabio chimico, o curso de chimica analytica e industrial da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, apresentando varios trabalhos de analyse e synthese organica.

Em 1884, adepto das idéas republicanas interessou-se pela propaganda da abolição, sendo neste anno presidente da Sociedade Abolicionista Cearense do Rio de Janeiro, desenvolvendo tal actividade a ponto do governo daquella epoca ter ordenado sua prisão, o que foi obstado pelo Imperador, que o conhecia perfeitamente. Este facto foi confessado pelo Cons.^o Prisco Paraiso, ministro da Justiça, ao proprio Dr. Mello Oliveira e a outros cearenses.

O Imperador sabia avaliar bem dos mereci-

mentos scientificos e dos dotes moraes de seus subditos fossem quaes fossem as crenças politicas que externavam.

Aliás, como abolicionista foi esquecido por seus companheiros; não me lembro de ter lido a menor referencia a seu nome.

De 1883 a 1885 entregou-se á clinica medica e de partos, e praticou com os illustres professores Drs. Pedro Paulo de Carvalho e Luiz Feijó.

Em Dezembro de 1885 transferiu sua residencia para o interior de S. Paulo até se restabelecer de enfermidade de que soffria, mudando-se em Maio para a Capital. Ahi entregue exclusivamente a seus esforços, sem a menor relação e protecção conseguiu tornar-se um clinico dos mais conhecidos em todo o Estado.

Em 1891, sem saber donde partira a lembrança, foi nomeado Lente Cathedratico de physica e chimica do Curso Annexo á Faculdade de Direito de S. Paulo, tendo exercido a cadeira até sua extincção, em 1897. Encerrou sua aula com uma assistencia de oitenta alumnos, recebendo por esta occasião de seus discipulos as maiores provas de estima e consideração.

Como pharmaceutico já era Membro da Academia Nacional de Medicina. Foi benemerito do Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro, lente de Toxicologia na Escola mantida pelo mesmo Instituto, e socio effectivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Exerceu a clinica em São Paulo desde 1885 até seu fallecimento, que occorreu a 23 de Junho de 1907.

E' longa a lista dos trabalhos scientificos por elle publicados em varias Revistas. Os mais conhecidos são :

Sobre a materia medica e therapeutica do «*Leonotis Neptefolia*» (Cordão do frade) e seu alcaloide; em fasciculo.

Enumeração de 500 plantas indígenas brasileiras por ordem de classe, generos, familias e nomes vulgares.

«Batiputá»—na Tribuna pharmaceutica do Rio de Janeiro.

«A electricidade melhorando os vinhos», idem.

«Do ensino livre», Revista da Escola Polytechnica, 1879.

«Da acção chimica do oxydo de magnesia sobre o rhuibarbo», Revista Medica, 1876.

«Do Jequirity»—União Medica.

«Descripção da Gruta de Coimbra em Matto-Grosso», no jornal A Reforma, 1877.

«A policia pharmaceutica», artigos de polemica na *Gazeta de Noticias e Jornal do Commercio*, 1881.

Dos seus artigos «Policia Pharmaceutica» resultou o pedido de demissão do Inspector Geral de Hygiene Dr. Baptista de Santos e a do ministro do Imperio Barão Homem de Mello; a reforma da Junta Central de Hygiene Publica; a nomeação do Cons.^o Souza Costa para este alto cargo no Imperio; a criação de logares de fiscaes de pharmacia, sendo o autor dos artigos um dos nomeados como membro da Junta de Hygiene Publica.

«E'tude sur l'analyse chimique et les propriétés medicales de l'Anda-Assú»—*Annuaire de Therapeutique*, par Bouchut—Paris, 1882.

«Analyse spectral e chimica dos vomitos amarello e preto da febre amarella», em collaboração com o professor Dr. Domingos Freire. *Recueil des travaux chimiques du Dr. Domingos Freire*, 1880—Recife.

«Analyses dos fumos do Brazil»—determinação da nicotica.—*Archivos de medicina e pharmacia*, Rio de Janeiro, 1881.

«Nota sobre a commissão de limites com a Bolivia»—1875, *Jornal do Commercio*, Rio.

«Apontamentos para a historia natural medica brasileira»—Fasciculo—Rio de Janeiro, 1878.

«A Escola de Pharmacia no Rio de Janeiro». Artigos na Tribuna Pharmaceutica.

«O Instituto Pharmaceutico e seu bibliothecario Ortiz». Diario do Rio de Janeiro, 1874.

«Pharmacia Militar». Revista Militar do Exercito. Rio, 1878.

«Do pinhão de purga»—Arch. medicina e pharmacia—Rio, 1881.

«Dos Velames»—Idem, idem.

«Do Picão da Praia»—Idem, idem.

«Um novo anti-thermico brasileiro» — Revista Pharmaceutica, 1883.

«Da Cinchona Calisaya»—Memoria para a admissão à Academia de Medicina, 1883.

«Vegetaes Tonicos do Brazil», these inaugural approvada com distincção pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1883.

Estudo minucioso de materia medica e therapeutica, contendo a classificação botanica, descripção de especimens, analyse chimica, physiologica e therapeutica. O autor nestes estudos isolou varios alcaloides de plantas brasileiras. Esta These é illustrada com estampas lithographadas e xilographadas—Edições esgotadas (2 edições).

«Dos productos cellulares do Brazil»—Rio, 1885.

Esse trabalho além de mostrar uma investigação acurada sobre os ditos productos em geral, contem o estudo especial de plantas brasileiras taes como a Almecegueira do Brazil (Ceará), as resinas de batatas de purga, do angico (do Ceará). Elle obteve um assucar da gomma do angico, isomero da arabinna ao qual denominou angicina; da gomma do cajueiro um alcool; da resina da almecegueira tres oleos diversos e essencias diversas, por seu ponto de fusão inteiramente differente.

«Salubridade de S. Paulo»—Causa das febres palustres e typhica. Artigos na Provincia de S. Paulo e Gazeta da Tarde. S. Paulo, 1889 a 1890.

Sahiam os artigos na «Gazeta da Tarde» sob a redacção do notavel philologo Julio Ribeiro.

«Observações de Clínica Medica»—Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia. Rio, 1897-1899.

«O Mururé e a Lepra»—Opusculo—S. Paulo, 1900.

Como se vê, não é pequena a bagagem scientifica deixada pelo Dr. Mello e Oliveira.

E homem de tamanho cabedal scientifico e homem tão recommendavel por serviços á patria e á humanidade desappareceu dentre os vivos, e a imprensa do Ceará nem registou o luctuoso facto!

Na terra do berço, que honrou, o Dr. Francisco Maria de Mello e Oliveira não tinha um conhecido!

João Cesar Bueno

Bierrenbach

Nasceu a 7 de Abril de 1872, sendo seus paes João Antonio Bierrenbach, natural de Pelotas, e D. Maria Clementina Bueno Bierrenbach, descendente de Amador Bueno da Ribeira.

Foi alumno dos Jesuitas de Itu e diplomou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde se fez notavel pela erudição, arrebatadora eloquencia e patriotismo.

Desde 1900 era o lente de Historia Universal do Gymnasio de Campinas.

Poz-se em destaque entre os seus compatricios de Campinas por tres factos, cada qual ao seu nome mais honroso: a parte que tomou na fundação do Centro de Sciencias, Letras e Artes, florescente agremiação de que se orgulha a adiantada cidade Paulista e em cujo organ na Imprensa se vê impresso o cunho de sua actividade patriotica, e da sua invejavel erudição; a candidatura por elle atirada ás massas do nome do Barão do Rio Branco para a

Presidencia da Republica; e as homenagens prestadas ao maestro nacional Carlos Gomes, o glorioso autor do Guarany, da Fosca e do Escravo.

O mais moço dos seis companheiros arrebatados ao Instituto, foi de todos sem duvida o mais desditoso. Em plena florescencia do mais promettedor talento, cheio de todas as ambições da gloria, teve o espirito atufado na noite negra da loucura quando então a mão do destino empolgou-o, desapiadado, até o momento derradeiro.

Falleceu no Rio de Janeiro a 2 de Julho; havia dous annos precisamente que Campinas vira erguer-se numa de suas praças a estatua de Carlos Gomes, por entre homenagens e festas, de que C. Bierrenbach fôra o iniciador e se constituiria o paladino e a alma.

Por iniciativa de Mucio Pompeu do Amaral a terra que tem a ufanía, a gloria de haver sido o berço de Cesar Bierrenbach; vae no bronze eternizar-lhe a memoria. A feitura da herma está confiada a Rodolfo Bernadelli.

Applausos, muitos e sinceros, a Campinas.

BARÃO DE STUART.

